

Os rituais religiosos Pankararu e a influência afro-brasileira

Valmir dos Santos Batalha¹

Resumo Este pretende analisar a tradição dos rituais do povo Pankararu e a influência cultural e religiosa africana, dentro de uma perspectiva etnográfica. A etnia Pankararu guarda uma cultura própria cercada de mitos e magia: declaram-se católicos, porém, não abandonaram as práticas religiosas dos seus ancestrais, como por exemplo, o Menino do Rancho, a Corrida do Imbu, a Mesa de Cura, e o Toré. Com o passar dos anos, a cultura agregou valores e práticas religiosas de matriz africana, causando intolerância por parte da sociedade urbana que os rotulam como “macumbeiros”. A fé Pankararu está centralizada na força Encantada representada pelo Praiá.

Palavras-chave: Pankararu; intolerância religiosa; rituais.

¹ Doutorando em Ciências Sociais (Antropologia) pelo programa de Estudos Pós-graduados em Ciências Sociais PUC SP. Professor na Faculdade de Filosofia e Teologia Paulo VI – Mogi das Cruzes. Contato: freipebatalha@gmail.com Orientadora: Dra. Dorothea Voegelli Passetti.

Introdução

O objetivo deste é apresentar uma reflexão sobre a identidade cultural e religiosa do povo Pankararu que, através das práticas religiosas procuram superar os preconceitos voltados para esse povo ao longo da história. Com o passar o tempo, os índios Pankararu, para defender a etnicidade através da articulação política e social objetivaram desenvolver relações sociais não só no meio indígena, mas também na sociedade como um todo.

O povo Pankararu teve suas terras tradicionais demarcadas em 1987. A aldeia mãe está localizada às margens do rio São Francisco no município de Jatobá no Estado de Pernambuco, a 453 km da capital (Recife).

À primeira vista, os moradores parecem fazer parte de uma comunidade rural do sertão pernambucano, que vive da agricultura familiar e da criação de pequenos rebanhos de cabras e bois.

O descompasso histórico e social existente na sociedade não afugentou os índios de lutar pelos seus direitos e nem de abandonar suas práticas religiosas que remetem aos seus ancestrais. Essas práticas despertam na sociedade “civilizada” preconceitos, pois não ela vê as práticas ritualísticas como sendo sagradas e sim, como algo voltado para o mal. Nessa perspectiva o preconceito se faz presente entre os que não são índios.

O preconceito em si traz crenças sem antes ter feito uma reflexão do direito do outro, agindo de forma que o diferente seja obrigado a pensar e agir como “o que eu penso, ou o meu grupo”. Essa visão transmite culturalmente “valores” culturais e crenças de um grupo social que geralmente professa outra fé ou ideologia. A não aceitação de outros grupos ou povos revela a intolerância cultural, religiosa e social, causando um fechamento para com os valores dos outros. A não abertura para os valores do diferente revela uma visão ingênua

transmitida ao longo do tempo e justificada por crenças que buscam diminuir o que não está dentro do “meu pensar”.

O pensamento reflexivo procura desmascarar os preconceitos de qualquer natureza e revelar a falsidade que busca desqualificar o povo ou o grupo que pensa diferente, ou que discorda do padrão tido como verdadeiro.

A pluralidade cultural e religiosa se faz presente em todas as sociedades, sejam elas com uma longa história, ou um passado recente. As posições diferentes e até mesmo divergentes são ricas para uma longa reflexão a respeito da sociedade, no entanto, os valores são respeitados. As diferenças entre os povos são princípios de liberdade que oferecem as condições de tolerância de uma convivência pacífica, não se colocando como superior ou inferior. Culturalmente não há civilização superior ou inferior, o que existe é um povo que vive no seu meio e que é capaz de desenvolver mecanismos para a sua sobrevivência, fazendo uso do que está ao seu alcance.

Metodologia

Para atingir os objetivos expressos no presente artigo, optei por compreender os hábitos culturais e religiosos dos índios Pankararu, que residem na Aldeia do Brejo dos Padres, município de Jatobá, no Estado de Pernambuco, distante da capital Recife a 453 km. A aldeia faz parte de um sistema religioso condicionado à realidade dos sujeitos sociais.

A metodologia utilizada foi a revisão literária e etnográfica. No trabalho etnográfico foram realizadas abordagens de identificação do espaço geográfico, como por exemplo, os espaços sagrados (Terreiros) onde são praticados os rituais religiosos. A segunda abordagem foi com um olhar empírico, ao participar dos rituais do Toré, Corrida do Imbu, o Menino do rancho, a Penitência e a Mesa de cura.

Pensar a humanidade como organização social é perceber que ela é fruto da solidariedade e de conflitos sociais, políticos, econômicos e religiosos. Os povos se organizam em sociedade porque dependem da cooperação uns dos outros, mas mesmo nesta organização social estão insatisfeitos: é na eterna busca da satisfação e das necessidades que as transformações ocorrem no cotidiano mediante as necessidades da sociedade em movimento, que busca descortinar o desconhecido. Nesta busca constante está a “divindade”, que aos poucos vai sendo revelada de diversas formas na história de um povo que busca compreender a sua força e magia através dos ritos e ritmos próprios de cada seguimento religioso.

Com a chegada dos europeus, as terras mais tarde se convencionaram a serem chamadas de Brasil, mas já eram habitadas: seus habitantes tinham seus próprios costumes, divindades e rituais O primeiro contato foi amistoso conforme relata Pero Vaz de Caminha na carta ao rei em 1500:

[...] E chegaríamos a este ancoragem às dez horas, pouco mais ou menos. E dali avistamos homens que andavam pela praia, uns sete ou oito, segundo disseram os navios pequenos que chegaram primeiro. Então lançamos fora os batéis e esquifes. E logo vieram todos os capitães das naus a esta nau do capitão-mor. E ali falaram. E o capitão mandou em terra a Nicolau Coelho para ver aquele rio. E tanto que ele começou a ir-se para lá, acudiram pela praia homens aos dois e aos três, de maneira que, quando o batel chegou à boca do rio, já estavam dezoito ou vinte.

Pardos, nus, sem coisa alguma que lhes cobrisse suas vergonhas. Traziam arcos nas mãos, e suas setas. Vinham todos rijamente em direção ao batel. E Nicolau Coelho lhes fez sinal que pousassem os arcos. E eles os depuseram. [...] E um deles lhe arremessou um sombreiro de penas de ave, compridas, com uma copazinha de penas vermelhas e pardas, como de papagaio. E outros lhe deram um ramal grande de continhas brancas, miúdas que querem parecer de aljôfar, as quais peças creio que o capitão manda a Vossa Alteza. E com isto se volve às naus por ser tarde e não poder haver deles mais fala, por causa do mar (CAMINHA. 1500, p.02).

No encontro do europeu com o povo que habitava as terras de Santa Cruz houve um estranhamento de cultura, língua, alimentação,

vestuário, crenças religiosas entre tantos outros comportamentos. O europeu via nos nativos, comportamentos selvagens “inferiores” à sua cultura. Neste cenário, os “civilizados” começaram a produzir narrativas exóticas, não só do povo, mas também do novo mundo.

Os relatos procuravam exaltar a cultura européia e diminuir ao máximo os nativos, que segundo alguns, praticavam a antropofagia. Os diários que relatavam tais fatos tinham como objetivos, diminuir os índios e elevar a cultura européia, levando o leitor a fazer reflexão da sua superioridade cultural. O que o europeu não sabia, é que o ser inferior, não o faz realmente inferior. Por outro lado, vemos que não há consenso entre os viajantes quanto aos hábitos de índios antropófagos: essa ideia faz parte do imaginário dos viajantes, que a todo custo, procuravam elevar sua “superioridade”.

[...] Não vejo nada de bárbaro ou selvagens no que dizem daqueles povos e, na verdade, cada qual considera bárbaro o que não pratica em sua terra. [...] Não me parece excessivo julgar bárbaros atos de crueldade (o canibalismo), mas que o fato de condenar tais defeitos não nos leve à cegueira acerca dos nossos. Estimo que é mais bárbaro comer um homem vivo do que o comer depois de morto; e é pior esquartejar um homem entre suplícios e tormentos e o queimar aos poucos, ou entregá-lo a cães e porcos, a pretextos de devoção e fé, como não somente o lemos mas vimos ocorrer entre vizinhos nossos conterrâneos; e isso em verdade e bem mais grave do que assar comer um homem previamente executado [...] podemos, portanto, qualificar esses povos como bárbaros em dando apenas ouvidos à inteligência, mas nunca se compararmos a nós mesmos, que os excedemos em toda sorte de barbaridades (MONTAIGNE, 1978, p.108).

Com a chegada do europeu, chegam também o racismo e as novas manifestações religiosas que logo são introduzidas entre os índios: aos poucos elas vão sendo absolvidas e os indígenas começam a abraçar uma nova fé imposta pelos colonizadores. Com o passar dos anos, a igreja católica organiza diversos aldeamentos com a finalidade de facilitar a catequização dos bárbaros e de oferecer os sacramentos (na

visão da época tinha o objetivo de torná-los gente. No entanto, os índios não abandonaram as suas práticas religiosas por completo; práticas essas, que resistiram à imposição cristã e ainda hoje são praticadas e outros valores foram incorporados, entre eles, os de matriz africana.

A humanidade, nas suas diversas formas de pensar, faz uso de várias expressões simbólicas que levam ao diálogo com a divindade na qual acredita. No diálogo, busca respostas para seus questionamentos, utilizando-se de elementos da natureza para cultuar o que acredita. Os Pankararu utilizam-se da linguagem, de gestos corporais e de diversos outros recursos da natureza para perpetuar a crença nos Encantados, que atrelados ao catolicismo popular, sobrevivem a diversas interferências culturais e religiosas.

O homem integrado à natureza constrói sua realidade entre os seus que formam uma realidade como sociedade. Para o sociólogo DURKHEIM (1858 -1917), *“as representações religiosas são representações coletivas que exprimem realidades coletivas; os ritos são maneiras de agir que surgem unicamente no seio dos grupos reunidos e que se destinam a suscitar, a manter, ou se refazer certos estados mentais desses grupos”* (DURKHEIM, 2008, p.38).

Conhecer as práticas religiosas das culturas é compreender a forma organizacional do grupo: conforme a crença de cada sociedade se compreende a forma de se organizar. As práticas religiosas nas culturas se diferem ao longo da história. O certo é que o homem, desde os primórdios, cultua as divindades, seja para a cura dos males, ou para apaziguar os problemas presentes entre os homens. A religião religa a humanidade às divindades, fazendo com que o crente aproxime-se do deus que acredita e é através da fé que formam uma comunidade e nela estabelecem normas morais.

Hoje é praticamente impossível pensar em um Brasil religioso, sem considerarem-se as diversas manifestações religiosas com seus diversos cultos e crenças que se misturam na sociedade. O Brasil é

portador de uma religiosidade plural, oferecendo garantias de manifestações aos diversos cultos.

Em um passado recente não era assim: muitos cultos, de modo especial os de matriz africana, eram proibidos e quando realizados, eram escondidos. Os Pankararu por diversas vezes foram impedidos de realizar seus rituais sagrados. Mesmo assim, os rituais eram realizados no meio das matas escondidos da polícia.

Resultados e discussão

Ao longo do estudo etnográfico entre os Pankararu percebeu-se que a sociedade humana está plasmada na natureza e que toda sociedade é integrada a outras, sejam elas rurais ou urbanas, e aos poucos vai absolvendo seus valores. Com o passar dos anos, as mudanças culturais fazem parte de uma cultura regional. As mudanças ocorrem em um passado histórico não observado: o tempo ao qual foram integradas à cultura local. O processo cultural é evolutivo e dinâmico e acontece com as trocas das culturas locais que posteriormente tornam-se regional entre os povos.

A cultura entre os diversos povos é a soma das práticas que aos poucos formam um sistema integrado no todo: as partes se somam formando uma sociedade em movimento dinâmico voltando o olhar não só para si, mas também para o cosmos e para as outras formas de vida não humanas. O homem faz do seu conhecimento um instrumento capaz de adquirir outros conhecimentos e de beneficiar-lhe de alguma forma.

Os rituais do povo Pankararu são complexos, não permitindo um raciocínio lógico e evolutivo, porém é nos rituais que a sociedade se fortalece de forma econômica, social, política e espiritual.

Neste contexto, compreender a trajetória de luta dos indígenas é compreender a riqueza ritualística e a resistência por tornarem vivos os costumes dos antepassados que lutaram pelo direito, não só da terra, mas também de serem reconhecidos como indígenas e de permanecerem nas terras tradicionais, mesmo incorporando outros

valores. Isso nos levou à reflexão sobre a conjuntura de expropriação, do preconceito, dos conflitos e desigualdades que os cercam. Essa comunidade luta por melhores condições de vida, pelo direito à saúde, educação, moradia, saneamento básico, água potável e segurança, que muitas vezes lhe faltam.

A intolerância religiosa sofrida pelos indígenas é uma forma de racismo velado, que muitas vezes não é verbalizado, porém é praticado de modo especial no campo religioso.

Os Pankararu atravessam os tempos com seus rituais tribais, que praticados nas aldeias, guardam seus segredos ritualísticos mantendo-se coesos na fé, nos Encantados e em seu líder maior, o mestre Guia, que anualmente finaliza a Corrida do Imbu, que geralmente termina na madrugada do domingo de páscoa, ou seja: o mestre Guia é o líder dos demais Encantados que formam um batalhão, com seu comandante e comandados, que se reúnem em seus terreiros manifestando seus poderes não só religiosos, mas também sociais e políticos.

A pobreza, sendo um estado limitador da humanidade, também faz parte do povo indígena Pankararu: com a vasta ideia de prosperidade no meio evangélico alguns índios abandonam as práticas realizadas nas aldeias para abraçarem uma nova fé, rejeitando toda uma tradição e mergulhando na ideia mágica da prosperidade.

A pobreza, aliada à ignorância, entre outros fatores sociais são determinantes no domínio e alienação do homem. Vemos que, apesar de todas as transformações ocorridas nas sociedades e na humanidade, o homem continua a buscar a divindade de forma diversa. A religião serve para fazer a ligação do homem com o sagrado, não se esquecendo de que ela é agasalhadora do desespero do homem, que busca nela um conforto não só espiritual, mas também materialmente.

Podemos dizer que as religiões são boas, o que as tornam ruins são as intenções dos seus líderes: muitas vezes fazem dos templos um grande centro empresarial, tendo Jesus como sendo o empresário

chefe. Se o líder religioso atrai um grande número de fiéis seguidores, o seu poder ecumênico cresce (Deus abençoa), aumentando assim, seu patrimônio e para aumentar mais ainda o seu poder financeiro faz pregações discriminadoras em relação aos que não pertencem ao seu seguimento religioso e quando o fiel não consegue o que almeja logo se sugere a resposta: “você não tem fé”.

No meio deste discurso de prosperidade, muitos fiéis abandonam a crença no seguimento religioso e começam a fazer uma verdadeira peregrinação em outras denominações e por último abandonam tudo, com a possibilidade de se tornarem descrentes.

Cabe salientar que o povo em questão (Pankararu), contribui para a construção de uma sociedade de pertencimento cultural, tendo nos seus rituais e crenças uma identidade étnica, que aos poucos vencem barreiras e se projetam nas tidas sociedades “civilizadas” sem perderem suas raízes e conservando seus segredos mitológicos que em si não são para serem compreendidos e sim, para serem vividos e respeitados.

A religião exerce funções religiosas, sociais, políticas e econômicas. É uma atividade executada por todos os povos em todos os tempos e é realizada através das manifestações coletivas e individuais. É através das celebrações que a comunidade estabelece relações e normas a serem vivenciadas. É nos cultos que as divindades são caracterizadas pelas crenças tecendo relações entre os humanos e o sagrado.

Na resistência cultural permanece viva a história de um povo, que luta contra seus opressores e toda forma de discriminação e preconceito para com os seguidores de uma fé que é perpetuada ao longo da história.

Os elementos religiosos presentes nas manifestações religiosas dos Pankararu conversam com os elementos das religiões de matiz africana, seja pela forma de ser ou pelos elementos simbólicos que são apresentados. Se entre os Pankararu temos a materialização dos

Encantados nos homens que vestem rompante ou farda que escondem a verdadeira identidade, o mesmo acontece com as divindades de outras denominações religiosas cujos deuses também não se revelam na sua totalidade, porém não estão ausentes dos seus seguidores.

Referência bibliográfica.

CAMINHA, Pero Vaz de. *A Carta de Pero Vaz de Caminha*. p. 02. Disponível em: <<http://www.nead.unama.br>>. Acessado em: 10 jun.2015.

MONTAIGNE, Michel de. *Ensaio I*. São Paulo: Abril cultura. 1978.

MURA, Claudia. *Todo Mistério tem dono!* Ritual, política e tradição de conhecimento entre os Pankararu. Tese (doutorado em antropologia Social) – UFRJ, PPGAS, Museu Nacional. Rio de Janeiro, 2012. Orientação de João Pacheco de Oliveira.

DURKHEIM, Émile. *As formas elementares de vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália*. 3.ed. São Paulo: Paulus, 2008.